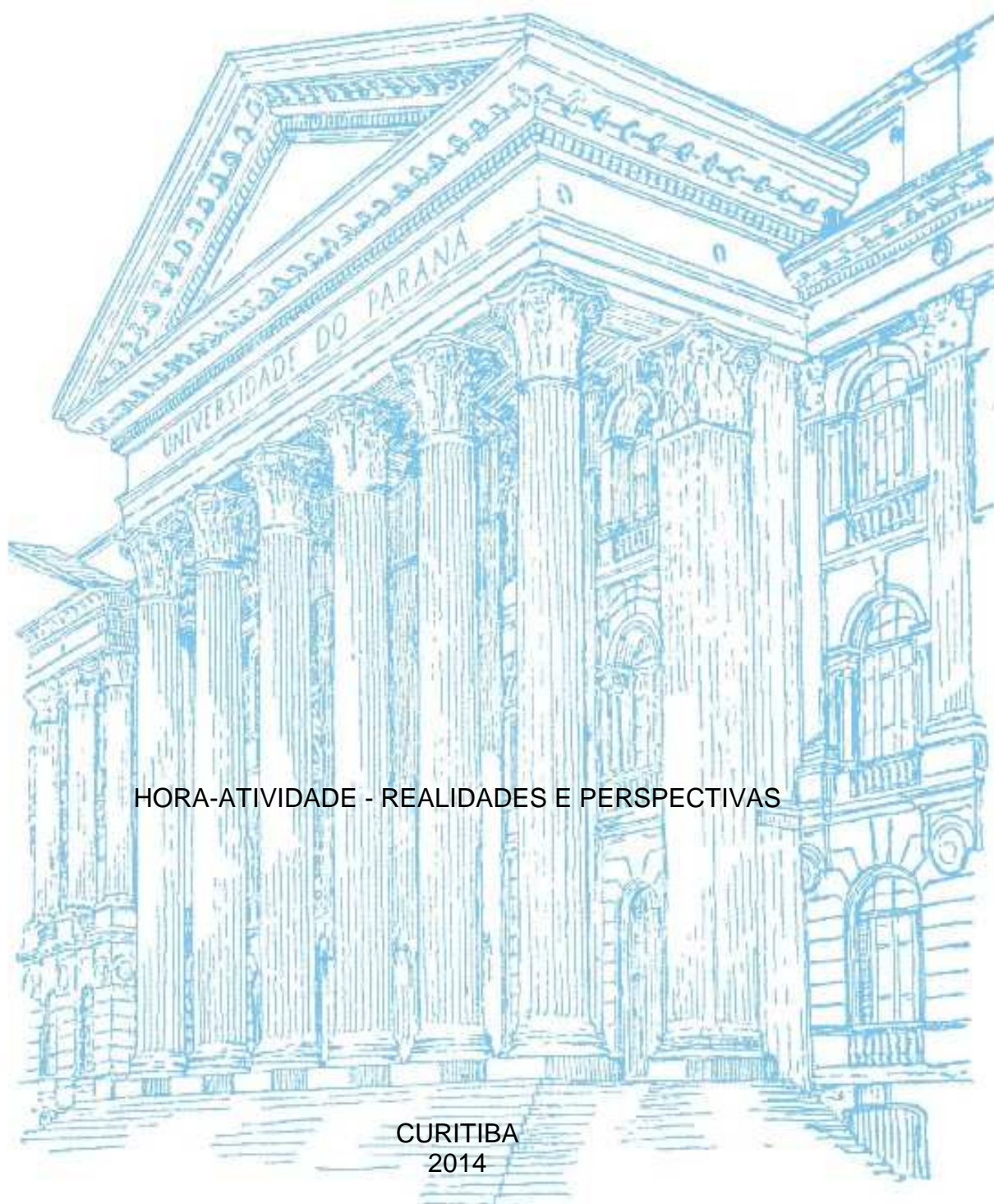


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

EDILENE SUSAN BUIAR



HORA-ATIVIDADE - REALIDADES E PERSPECTIVAS

CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

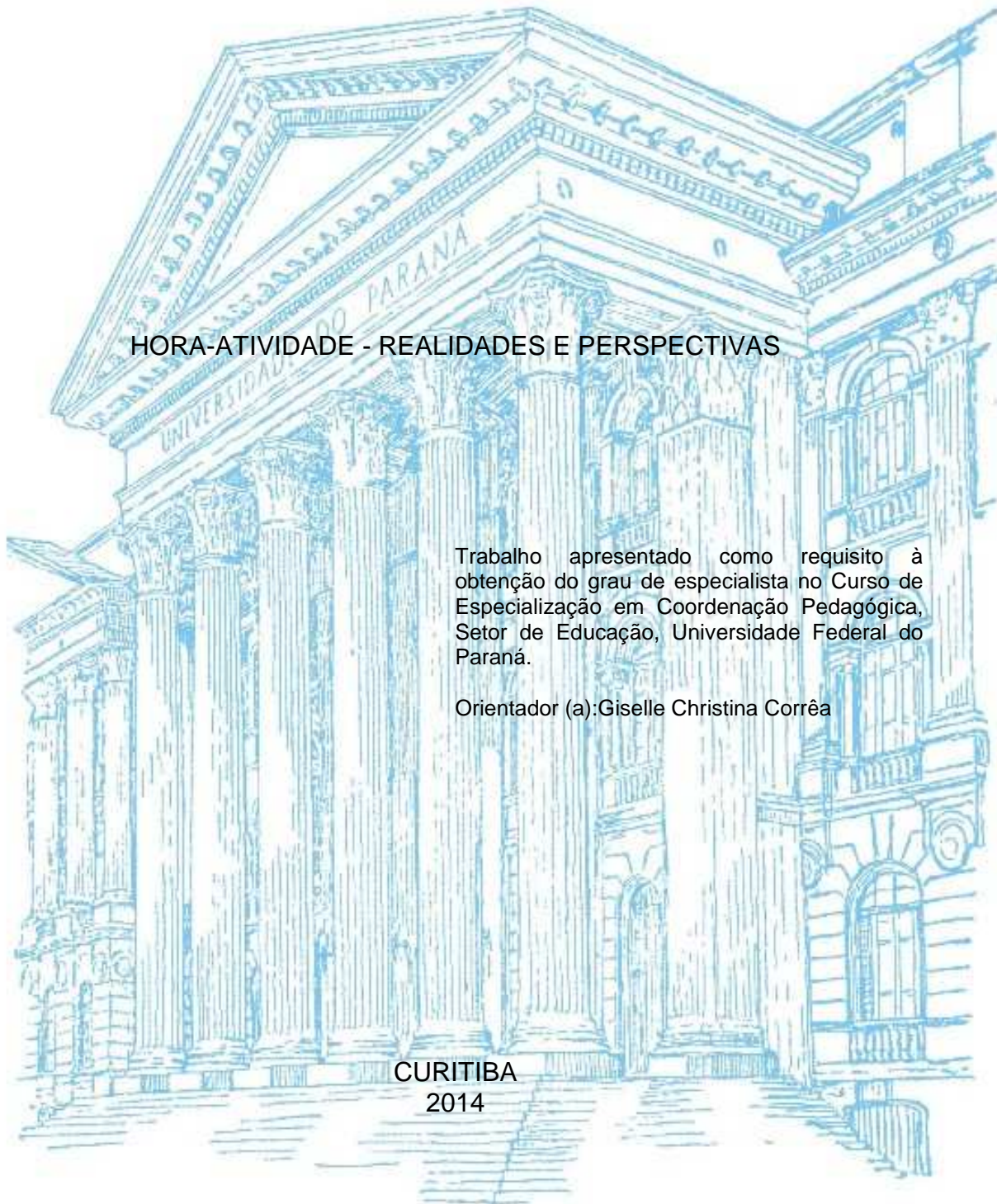
EDILENE SUSAN BUIAR

HORA-ATIVIDADE - REALIDADES E PERSPECTIVAS

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Giselle Christina Corrêa

CURITIBA
2014



HORA-ATIVIDADE: REALIDADES E PERSPECTIVAS

BUIAR, Edilene Susan *

RESUMO – Não há como pensar em qualidade da educação, sem que se garanta ao educador os momentos e espaços necessários à construção do conhecimento, avaliação e reflexão sobre a prática pedagógica, planejamento e construção dos mecanismos de intervenção pedagógica. Conquistamos o momento da hora-atividade que nos permite alcançar estes objetivos, mas com este trabalho analisaremos como o professor usa este espaço de tempo no seu trabalho. As concepções teóricas que embasou esta pesquisa demonstram que há necessidade de conscientizar os professores da importância deste momento e do coordenador pedagógico resgatar sua real função dentro da escola. A Coleta de dados por meio da observação foi utilizada para levantarmos informações que nos permite um nível de conhecimento e análise de como acontece a hora-atividade no cotidiano de uma escola de educação infantil com educadores que tem semanalmente este momento garantido. As considerações finais desta pesquisa não buscam soluções definitivas para as dificuldades apresentadas sobre as horas-atividades mas que os dados levantados contribuam para uma real compreensão dos desafios das hora-atividade e gerar estratégias reflexivas para que este momento ocorra de forma satisfatória e de forma articulada com educadores, equipe pedagógica e da gestão da escola

Palavras-Chave: Hora-atividade. Coordenador pedagógico. Formação continuada.

*Pós-graduanda em Coordenação Pedagógica

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo partiu da situação-problema de como garantir que o espaço-tempo da hora-atividade seja de reflexão-ação sobre o processo pedagógico desenvolvido em sala de aula, e não apenas como um espaço utilizado somente para registro das questões burocráticas, mas destinado, principalmente, a sua formação.

Através da observação de como os professores encaram este momento verificou-se que a maioria usa sua hora-atividade para as atribuições básicas de sua função como plano de aula, confecção de materiais a serem usados nas aulas, manter em dia o livro das frequências dos alunos e dos registros das atividades e praticamente não separam um momento para sua formação ou pesquisa relevante a sua área ou a sua prática. Sendo assim, verificou-se que há necessidade de supervisão deste momento orientando como usar este espaço-tempo de forma adequada e com qualidade.

Cabe aos gestores da escola o papel de promover de forma eficaz estes momentos, mas sem dúvida pesa muito mais sobre o coordenador pedagógico que tem como uma de suas funções subsidiar o aprimoramento teórico-metodológico dos professores da escola, promovendo estudos sistemáticos, troca de experiências, debates e oficinas pedagógicas e organizar a hora-atividade.

O trabalho seguirá primeiro revendo a importância da hora-atividade para o planejamento de trabalho e a formação em serviço dos educadores. Após, serão apresentadas informações levantadas usando o método da observação e apresentando as opiniões, impressões e pareceres de educadores e membros da equipe pedagógica, referindo-se às dificuldades e à utilização da hora-atividade.

Também, serão apresentadas as dificuldades que a equipe pedagógica encontra em planejar este momento, assim como a importância do papel do coordenador pedagógico para que a organização de todo o trabalho pedagógico ocorra na escola durante a hora-atividade, incluindo a formação pedagógica dos educadores por meio de uma prática reflexiva e que não se permita que as demandas exigidas pela escola obscureçam seu papel.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A busca de base teórica para os estudos não teve muito sucesso para encontrar a literatura que retratasse como a hora-atividade ocorre nas escolas, e qual é o comportamento mais comum dos professores nestes momentos. Os poucos artigos que tratavam destes assuntos estavam mais voltados para a formação continuada dos docentes. Portanto, a revisão de literatura também incluiu temas como formação continuada, formação do professor e o papel do coordenador pedagógico. Inclui também algumas informações de pesquisas sobre a gestão escolar.

Nos diversos autores pesquisados foi observado que existem vários itens em comum que são listados referindo-se aos momentos da hora-atividade como o reconhecimento da conquista deste momento, a conscientização dos professores da importância da hora-atividade e das dificuldades que os coordenadores pedagógicos encontram em promover que este momento aconteça de forma adequada.

Aspectos como a importância da conquista da hora-atividade para a qualidade do trabalho do professor aparecem conforme bases legais que norteiam e garante este momento como o *PARECER CNE/CEB Nº18/2012 aprovado em 02/10/12 e ainda o que determina a Lei nº. 13.807 que a instituiu.*

Na Conferência Nacional de Educação (CONAE), realizada em 2010, registrou-se no Documento Final a importância da Lei Federal 11.738/08, que determina o uso de parte da jornada para desenvolver atividades fora da regência e que, no máximo 2/3 da sua jornada, sejam em sala da aula com o objetivo da melhora da qualidade da educação, diz o texto:

Agora, cada professor/a poderá destinar 1/3 de seu tempo de trabalho ao desenvolvimento das demais atividades docentes, tais como: reuniões pedagógicas na escola; atualização e aperfeiçoamento; atividades de planejamento e de avaliação; além da proposição e avaliação de trabalhos destinados aos/às estudantes. (CONAE, 2010).

Apoiando a questão de mudar a impressão que os professores tem de que os momentos usados para aprimorar a sua prática são obrigatórios, apenas para obter uma promoção ou para cumprir o que é exigido e de

conscientizá-los para usarem este momento de forma mais significativa temos Imbernón, que declara:

Somente quando o professorado vê que o novo programa formativo ou as possíveis mudanças da prática que lhe é oferecida repercutem na aprendizagem de seus estudantes, mudam suas crenças e atitudes de forma significativa e supõem um benefício para o alunato e a forma de exercer a docência, então, abre-se a forma de ver a formação não tanto como uma “agressão” externa, mas como um benefício individual e coletivo. (IMBERNÓN, 2009, p. 27).

Libâneo ainda afirma a importância das formações realizadas dentro e fora da jornada de trabalho e também ressalta a necessidade da iniciativa do professor quando diz:

Ela se faz por meio de estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação das experiências dos professores. É responsabilidade da instituição, mas também do próprio professor, porque o compromisso com a profissão requer que ele tome para si a responsabilidade com a própria formação. (LIBÂNEO, 2001, p. 191).

Assim, verificamos a importância da conscientização do professor de que tão importante é buscar uma qualidade na sua formação para se garantir a qualidade na sua prática.

Ainda temos Saviani (1985) que defende a necessidade de que o professor tenha o domínio da teoria e de uma compreensão crítica das relações com a sociedade, de modo a verificar quais as ações que ele tem que desenvolver para ultrapassar suas próprias condições de trabalho.

No que se refere ao trabalho com o professor é necessário incentivar os professores a refletir sobre a sua ação e com isto tentar solucionar as suas dificuldades, pois “o processo de compreensão e melhoria de seu trabalho deve começar pela reflexão de sua própria experiência” (ZEICHNER; DINIZ-PEREIRA, 2005, p. 66).

Outro aspecto importante é a do papel do coordenador pedagógico em todo este processo e que o mesmo deve resgatar sua função não permitindo que as pressões do dia-a-dia na escola o desviem deste objetivo, como vem acontecendo.

Segundo Bartman:

[...] o coordenador não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem claro quem é o seu grupo de professores e quais as suas necessidades. Não tem consciência do seu papel de orientador diretivo. (Bartman,1998, p. 1)

Dentre os fatores que colaboram para que este momento seja colocado em segundo plano, nas conversas com os pedagogos da rede do município de Pinhais e nas literaturas estudadas para este artigo, existem também alguns pontos que são comuns a todos. Entre estes está o fato de que o pedagogo escolar, que deveria ter como prioridade a gestão pedagógica, acaba assumindo funções que não são de sua responsabilidade na escola. As faltas dos educadores também foi outro fator citado pelos pedagogos como um dos fatores que toma o seu tempo e os desvia de seu foco que é o acompanhamento do trabalho pedagógico.

Pesquisa feita por Elisângela D. A. Mundim nos fala sobre a atuação dos coordenadores pedagógicos:

Os coordenadores pedagógicos demonstram que coordenar é um processo marcado pelo insucesso. Por serem constantemente culpados pelo fracasso dos projetos pedagógicos que não saem do papel, evidenciam sentimentos de inferioridade e incompetência. Em decorrência desse fato, distanciam da busca de ações pautadas em uma organização do trabalho pedagógico e demandas surgidas no contexto escolar. (MUNDIM, 2009, p. 43).

Dentro da escola, a função do coordenador pedagógico nem sempre é bem delimitada. Muitos acham que o profissional que exerce o cargo é um auxiliar do diretor para as questões burocráticas ou para atender todas as demandas escolares, muitas vezes até ao da secretaria. Outros acreditam que cabe a ele resolver os problemas gerados pelas famílias.

Sobre a função do coordenador pedagógico, Santos; Oliveira citam Pires:

A função primeira do coordenador pedagógico é a de planejar e acompanhar a execução de todo o processo didático-pedagógico da instituição, tarefa de importância primordial e de inegável responsabilidade e que encerra todas as possibilidades como também os limites da atuação desse profissional. Quanto mais esse profissional se voltar para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições seja por qual motivo for, irá aumentar a discordância e desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição escolar. (PIRES, 2004 apud SANTOS; OLIVEIRA, p. 182, s/d.

Para Saviani (1985) o papel do pedagogo necessita estar voltado para a gestão pedagógica e para a organização do trabalho pedagógico. Neste sentido é que se afirma que a mediação deste profissional junto ao professor torna-se fundamental na hora-atividade. O pedagogo sempre que necessário deve sugerir diferentes estratégias metodológicas que possibilitem ao professor redimensionar seu trabalho com o objetivo de garantir ao aluno em sala de aula a apropriação do conhecimento.

Confirmando esta linha de raciocínio, Libâneo nos explica que:

A formação continuada é outra das funções da organização escolar, envolvendo tanto o setor pedagógico como o técnico e administrativo. De modo especial para os professores, a formação continuada é condição para a aprendizagem permanente e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional. É na escola, no contexto de trabalho, que os professores enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão promovendo mudanças pessoais e profissionais. (LIBÂNEO, 2001, p.189).

E por fim que todos os agentes escolares devem colaborar para que o processo que aflui para o ensino-aprendizagem ocorra com qualidade na escola. Além da necessidade de garantir que o coordenador pedagógico disponha de tempo para ler, estudar e participar de atividades formativas que o capacitem a fazer a reflexão da prática e o aperfeiçoamento das estratégias de ensino, além de momentos de estudos com os educadores, conforme lê-se no artigo de LIMA E SANTOS:

A consciência coletiva não surge certamente como um imperativo natural, ou mesmo como a primeira das prioridades sem muitas realidades educacionais, não raras vezes surge de uma resposta à uma problemática que só pode ser conduzida pela participação de todos, por suas interações e decisões coletivas; outras vezes é estimulada pelo posicionamento democrático de gestores e professores que buscam no coletivo a legitimidade da vontade de todos. (LIMA; SANTOS, 2007, p. 89).

3 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS

A metodologia usada para o levantamento dos dados das ações dos educadores durante a hora-atividade foi à observação. Neste trabalho optou-se

pela observação sem interferências por entender que esse tipo de pesquisa permite captar a impressão do momento favorecendo o estudo e a análise de situações reais e fatos que são desenvolvidos numa determinada realidade. Segundo Alvarez (1991, p. 560), a observação é o “único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real, de fato.” Assim conseguiu-se atingir o objetivo de registrar as ações dos educadores durante as permanências.

A observação realizada neste estudo será sistemática, com um grupo que desconhece que está sendo observado e sem interferência do observador, mas com a vantagem do grupo estar habituado com a presença do observador nos locais em que ocorre a hora-atividade.

Foram realizadas observações durante as horas-atividades dos educadores no CMEI do município de Pinhais, num bairro de classe média-baixa, porém existe uma porcentagem pequena de crianças que vivem em extrema pobreza, além de termos algumas crianças haitianas, cujos pais mudaram recentemente para o Brasil.

A equipe é composta por cerca de 53 professores que atuam na Educação Infantil e que atendem crianças de 4 meses a 5 anos.

Na grade de hora-atividade, durante o tempo de observação, estavam estipuladas em torno de doze horas semanais para cada educador. Diariamente temos onze educadores fazendo sua hora-atividade.

Apesar da sala usada para este momento possuir uma mesa de 10 lugares, dificilmente todos conseguem usar a sala no mesmo momento, pois durante as atividades os materiais usados pelas educadoras acabam tomando parte da mesa, reduzindo o espaço, fazendo com que pelo menos sete educadoras usem a sala e as demais usam algum ambiente do CMEI, como refeitório e a sala de leitura das crianças, quando não usada. A maioria dos momentos de observação foi feito com as educadoras que estavam na sala designada para hora-atividade, mas também, em menor tempo, observaram-se as educadoras no refeitório.

O roteiro da observação seguiu os seguintes itens:

- Qual é a ideia compartilhada pelas educadoras sobre a hora-atividade;

- Quantas comparecem e cumprem o tempo designado para hora-atividade;
- Quais as atividades que são executadas pertinentes ao trabalho;
- Quais as atividades que são executadas que não são pertinentes ao trabalho;
- Quantas dedicam um tempo para sua formação;
- Quantas participam com interesse dos momentos de formação feitos pela coordenação pedagógica.

A maioria dos momentos de observação foi feita sem que os educadores soubessem. O observador permanecia na sala em que ocorrem as horas-atividades, sentado em sua mesa e fazendo seu trabalho, porém atento e anotando tudo o que estava ocorrendo. Conforme observação de Vianna, isto se tornou necessário devido ao objetivo da observação que é verificar como se comportam nestes momentos, sem interferência.

É importante que o observador se apresente aos elementos do grupo e declare os objetivos do seu trabalho sem maiores disfarces, evitando que seja considerado um 'estranho no ninho'. [...] Entretanto, em ocasiões especialíssimas, o anonimato do pesquisador pode ser uma imposição, tendo em vista a natureza do problema e da observação a ser realizada. (VIANNA, 2007, p. 41).

Sendo assim esta pesquisa fará uma coleta de dados com o objetivo de uma descrição exata de situações que podem ajudar a compreender os motivos das dificuldades encontradas nos momentos da hora-atividade.

Ao analisar a realidade investigada não se pretende responder a todas as questões que surgem em relação a este momento quando acontecem nas escolas, mas permitir um maior nível de conhecimento e análise de como a hora-atividade acontece no cotidiano deste CMEI e as contradições aí presentes. Assim sendo, tomando como referência o posicionamento dos educadores observados na pesquisa, construiu-se uma grade de conceitos, opiniões, reflexões e pontos de vista acerca deste momento estudado.

Agrupando os dados levantados e para melhor percepção dos mesmos pode-se verificar duas construções diferenciadas no que se refere à hora-atividade, as quais foram colocadas da seguinte forma: um grupo dos educadores considera que a hora-atividade se constitui num momento de

realizações de atividades burocráticas inerentes à prática docente, geralmente de forma individualizada, não havendo momentos para estudos. Já num segundo grupo, e infelizmente muito pequeno, se percebe a possibilidade de que a hora-atividade possa ser usada para estudos e para a formação continuada dos educadores, mas ainda é necessário que vá além de ver sua necessidade. É preciso colocar em prática.

3.1 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES:

O que pensa o educador? Planeja para cumprir ordens? Reflete sobre a importância do planejamento e de estudo para sua profissão?

Desde o momento que se trouxe para a instituição o direito e o aumento das horas da hora-atividade, sem dúvida isto foi recebido pelos educadores com satisfação e alívio, pois a maioria mantinha o discurso que não aguentava mais ter que complementar em casa o tempo gasto para poder executar com eficiência o seu trabalho.

É claro que todos os profissionais da educação concordam com este fato e talvez em algumas secretarias municipais e estaduais de educação, apesar de a lei garantir a hora-atividade, ela ainda não acontece, tanto que no início de 2014 houve uma mobilização dos professores realizada em todo o Paraná pela APP - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná, essa mobilização chamada de "*Hora-atividade Pra Valer*" queria forçar o governo do Estado do Paraná a cumprir com o acordo firmado com a categoria, sancionada pelo governador Beto Richa em maio de 2013, garantindo que se realizem os 33% de hora-atividade.

Em nosso município temos tentado cumprir desde 2013/2014 os 33% de hora-atividade. Sendo assim os educadores têm exigido a quantidade exata de horas que tem direito, até nos minutos, exigindo, reclamando e protocolando estas reclamações. Porém, nossa equipe pedagógica percebeu que as educadoras que mais exigem este momento, infelizmente são as que menos o usam da forma que deveriam para sua prática profissional e sua formação como educadoras.

Em contra partida aqueles que se dedicam mais nestes momentos o usam de forma mais eficiente possível quer eles sejam de quatro, oito, dez, doze ou treze horas e vinte minutos semanais.

Imbernón traz uma citação interessante sobre a prática do professor dizendo: “A prática educativa muda apenas quando o professorado quer modificá-la e não quando o(a) formador(a) diz ou apregoa.” (IMBERNÓN, 2009, p. 105). Isto nos faz refletir de quanto é importante que o educador perceba a importância do seu trabalho, de que se interesse pelo que faz e não apenas pelo seu salário cumprindo apenas com aquilo que se pede para fazer. Em sintonia com essa concepção, Saviani (1985) defende a necessidade de que o professor tenha o domínio da teoria e de uma compreensão crítica das relações com a sociedade, de modo a verificar quais as ações que ele tem que desenvolver para ultrapassar suas próprias condições de trabalho. Percebe-se então que necessitamos muito do interesse do educador para termos um uso eficiente da hora-atividade.

Como já mencionado, duas categorias foram elaboradas para a interpretação e análise do objeto de estudo. Percebe-se que tanto o grupo de educadores quanto o de pedagogos indicam que a hora-atividade é mais utilizada para as atividades burocráticas, de forma individualizada e fragmentada do trabalho.

Em certos momentos foi observado como os educadores se posicionaram em relação às dificuldades encontradas para se realizar os momentos da hora-atividade e que contribuições as mesmas têm trazido ao seu trabalho. Confirmando a questão de acúmulo do trabalho docente, é importante assinalar que nas observações verificou-se que, grande parte dos educadores diz que a hora-atividade veio amenizar a sobrecarga na realização das suas tarefas básicas que se estendem às suas casas.

Contudo, nem sempre a hora-atividade tem sido vista e utilizada para estudos, reflexões e para organização do trabalho pedagógico. E os poucos que se interessam em estudos nestes momentos o fazem sem saber como aplicar na sua prática ou não sabem como usar o momento para sua formação individual ou coletiva.

Também pela observação verificou-se como os educadores individualmente encaram o momento da hora-atividade e que usam este

momento apenas para tarefas básicas de sua função, conforme exigida pela equipe pedagógica, como descanso, de passear na escola, de cuidar de assuntos pessoais, dia para faltar, que são enfadonhos e preferiam estar em sala e assim por diante. Apesar de os educadores terem uma noção de como deveriam usar este momento, na prática isto não acontece, mesmo os educadores mais dedicados se perdem no uso do seu tempo para sua formação, para planejar e para avaliação. Em muitos momentos também se observou que os próprios educadores sentem a necessidade de terem uma supervisão destes momentos com mais orientação.

Diante do exposto, destacam-se alguns outros posicionamentos dos grupos de educadores e dos pedagogos, no que tange a hora-atividade e sua utilização.

A falta de estrutura física do CMEI tem sido algo que leva ao desinteresse deste momento. Fica difícil estar numa sala pequena com muitos educadores sem conforto de espaço para o uso de seus materiais e concentração para o estudo quando há conversas paralelas.

A falta de local adequado faz com que os educadores não consigam permanecer por um tempo mais longo executando suas tarefas ou estudando, levando assim a “passearem” sempre que podem para espairecer. Também a falta de local e ferramentas necessárias para momentos de estudos faz com que os educadores desanimem desta busca.

Observou-se, principalmente nos momentos de desabafos descontraídos, que o desinteresse e a falta de profissionalismo dos colegas de trabalho também tem sido motivo para o desânimo, e pior, motivo pelo qual não querem fazer o momento de hora-atividade junto com outros educadores sugerindo que preferem fazer sua hora-atividade em casa achando que teriam um melhor rendimento.

Temos então um processo pelo qual os educadores que demonstram interesse em utilizar a hora-atividade para um bom trabalho e para sua formação, são basicamente subordinados às demandas e às dificuldades escolares, estão atribulados, desanimados e sem entusiasmo.

Nas conversas que aconteceram com os pedagogos e diretores, durante os momentos de formação realizados pela Secretaria de Educação do município, observou-se que estes também se mostram indignados com a falta

de educadores, relatam que no início do ano letivo enfrentam muitas dificuldades para organizar o trabalho pedagógico, em especial na elaboração do horário da hora-atividade dos educadores e quando iniciam as aulas com os educadores em sala, o mesmo não acontece para cobrir as horas-atividades.

No que se refere à viabilidade de se promover momentos de estudos durante a hora-atividade, verificou-se que a maioria das literaturas que citam entrevistas com os pedagogos, apontam o acúmulo de atividades e a demanda, que o próprio CMEI ou escola geram de trabalho, como sendo um dos agravantes que dificultam tal realização, situação bem vista na pesquisa feita por Lima e Santos:

Nas falas do universo amostral dos sujeitos (em número de 10) percebemos uma queixa unânime sobre a sua desorientação e quase perda de identidade profissional e constatamos que o cotidiano das escolas e algumas crenças no seu interior inviabilizam a reflexão sobre suas práticas, perspectivas e possibilidades de sua intervenção no universo docente. Outro ponto relevante, apontado como uma das dificuldades do coordenador pedagógico no desenvolvimento de seu trabalho é a definição do seu campo de atuação na escola. Assim, por não ter claro o seu papel ou mesmo tendo claro, mas abrindo mão dele por conta das crenças auto-realizadoras no interior da escola, acompanha o ritmo ditado pelas rotinas ali arraigadas (LIMA; SANTOS, 2007, p. 80).

E realmente no nosso CMEI as pedagogas elaboram momentos de estudo junto às educadoras, mas estas demandas tornam impossível sua aplicação.

E o pedagógico que está na denominação do cargo quase sempre é deixado de lado. Porém é o pedagógico que define a tarefa do coordenador que é conduzir os educadores a melhorar a prática de sala de aula para que os alunos tenham o seu desenvolvimento e aprendizagem de forma adequada. Segundo Oliveira é o “posicionamento ético-político que determina o sentido e o significado da importância que dá à elaboração e reelaboração da fundamentação teórica enquanto base e orientação do pensar e do agir do educador.” (Oliveira, 1996, p. 44). Para isso, o coordenador pedagógico deve ter como um dos seus objetivos fazer com que a hora-atividade seja feita de forma que venha garantir que as atividades, como planejamentos, livros de

registros, projetos a serem executados e outros, além de da formação continuada dos docentes, aconteçam na escola.

E neste aspecto a ação dos coordenadores pedagógicos não é só importante, mas essencial para que a organização de todo o trabalho pedagógico ocorra na escola durante a hora-atividade, incluindo a formação pedagógica dos educadores por meio de uma prática reflexiva. Imbernón sobre a nova consciência dos formadores do professorado em auxiliar no despertar da consciência crítica dos professores fortalecendo a si mesma como profissionais nas escolas, ele afirma que:

o(a) formador(a) deve assumir mais um papel de prático colaborador num modelo mais reflexivo, no qual será fundamental criar espaços de formação (ou de inovação ou pesquisa) para ajudar a analisar os obstáculos (individuais e coletivos) que o professorado encontra para ter acesso a um projeto formativo que os ajude a melhorar. (IMBERNÓN, 2009, p. 105).

O processo do trabalho pedagógico ocorrerá mesmo que não haja uma intervenção efetiva, mas será de forma mecânica por se repetir ações que já estão acostumadas e afetará e muito a qualidade do ensino que se pretende na escola. Mas para que isto não ocorra é necessário que o coordenador pedagógico resgate a relevância do seu trabalho, mediado pelo equilíbrio de suas atribuições e onde cada um se torna corresponsável pelo processo ensino-aprendizagem e para que isto se realize torna-se necessário planejamento e ações coletivas.

Em relação à organização da hora-atividade como espaço de formação e tendo o pedagogo como articulador deste processo, observou-se entre os educadores uma preocupação de ter o pedagogo atuando de forma mais ativa nestes momentos. A maioria dos educadores tem reclamado a ausência deste profissional nas suas horas-atividades e que estes só atuam quando solicitado pelos educadores, e aqueles que não reclamam sua presença, tem feito seu trabalho sem esta ajuda. E por fim, em consequência desta situação, as leituras e os estudos acabam somente ocorrendo em outros momentos como em reuniões pedagógicas ou nas formações que se realizam nos períodos definidos no calendário escolar.

Nessa perspectiva, é que ganha sentido a construção de momentos de atendimento individual e de estudos coletivos entre o educador mediado pelo

pedagogo. Mas isto não vai ocorrer esperando que as secretarias ou as gerências de educação desapareçam com todas as “situações-problemas” e então poderemos cumprir com nossas obrigações, isto é utopia, pois temos que lidar com as realidades das escolas públicas.

Assim sendo, é imprescindível que os pedagogos não compactuem com o senso comum que não temos condições de cumprir com o seu papel devido as dificuldades encontradas e que avancem para uma consciência mais filosófica no sentido de redimensionar seu trabalho. E cabe aos pedagogos, junto com a direção buscar, as melhores estratégias e dar os primeiros passos para corrigir estas situações, superar as dificuldades, que com o tempo e pequenas ações podem levar a grandes transformações. Ressaltando o papel que os coordenadores pedagógicos desempenham Santos e Oliveira afirmam que:

Quanto mais esse profissional se voltar para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições seja por qual motivo for, irá aumentar a discordância e desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição escolar. (PIRES, 2004, p. 182 apud SANTOS; OLIVEIRA, s/d).

Tal fato necessita ser repensado nas escolas por todo o coletivo escolar, pois o processo pedagógico necessita ser constantemente discutido e para que isto possa ocorrer de forma adequada o pedagogo precisa demarcar melhor seu espaço na escola, sob pena de ficar sujeito às demandas do cotidiano da escola. Para Saviani (1985) o papel do pedagogo necessita estar voltado para a gestão pedagógica e para a organização do trabalho pedagógico, neste sentido é que se afirma que a mediação deste profissional junto ao professor torna-se fundamental na hora-atividade. O pedagogo sempre que necessário deve sugerir diferentes estratégias metodológicas que possibilitem ao professor redimensionar seu trabalho com o objetivo de garantir ao aluno em sala de aula a apropriação do conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode desconsiderar que a utilização da hora-atividade para a organização dos trabalhos burocráticos e pedagógicos e momento de formação é de suma importância, porém percebe-se que ainda precisa ser conquistada.

É neste sentido, que para os educadores cumprirem sua função e conseguirem usar bem a hora-atividade eles necessitam, antes de tudo de organização, orientação e desenvolvimento de sua capacidade crítica para tornarem-se conscientes de suas ações.

Através da busca do conhecimento de como o educador deve exercer sua função, para que não se deixem dominar pelas pressões do sistema educacional para que tenham o desejo pela formação continuada em serviço, como uma atividade significativa e não simplesmente imposta e que busquem sempre uma melhoria da qualidade de seu trabalho.

Para tanto, há que se pensar na criação de espaços e condições de estudos que garantam aos educadores o fortalecimento e o desenvolvimento de sua plenitude como profissional da educação.

Observou-se que a hora-atividade contemplada na lei é um fato dado, mas não integralmente consumado na escola. Dentre os pesquisados, o significado da hora-atividade ainda não está bem definido em sua prática e embora reconheçam a importância de estudos durante a hora-atividade, restringe-se a realização das atividades práticas, imediatas, inerentes a atividade docente, e ainda não conseguem vislumbrar a hora-atividade como possibilidade para o fortalecimento de sua formação, mesmo assim não querem perder esse espaço tão importante como meio de suavizar o acúmulo de funções que lhe são impostas, e para alguns, momento de estarem somente fora de sala de aula. E para atingir esta capacidade de mudanças na prática pedagógica precisa-se dar a estes educadores uma boa formação continuada para que mudem sua forma atual de pensar e desenvolvam o desejo de tornarem-se profissionais bem qualificados.

Embora não seja possível resolver ou trazer soluções para as questões levantadas, procurou-se tê-las apenas como meio para analisar e perceber que é necessário realizar todo um processo a fim de que a hora-atividade se torne parte integrante do cotidiano da escola. Buscar ações que possam levar a

diversas estratégias que norteiem o trabalho do pedagogo e ao mesmo tempo se constitua em alerta e estímulo para o desenvolvimento de um processo de formação contínua e permanente na escola para mudar a postura dos educadores em relação à hora-atividade. Contudo, esta questão não pode ser tratada isoladamente, mas sim, mediante a articulação de interesse e compromisso de todos aqueles que fazem parte da equipe escolar.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballester. **Organização, Sistemas e Métodos**. São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.

BARTMAN, Thomas S. **Administração: construindo vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONAE), 2010, Brasília, **Conferência...** Brasília: 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Permanente do Professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

KINCHELOE, Joe L. **A Formação do Professor como compromisso político: mapeando o Pós-Moderno**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Educare et Educare – Revista em Educação**. Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007. p. 77-90.

MUNDIN, Elisângela Duarte Almeida. **A Coordenação Pedagógica como Espaço Promotor de Relações Dialógicas/ Brasília: CEAD/UnB, 2009. Monografia de Especialização**

OLIVEIRA, B. **O trabalho educativo: reflexões sobre paradigmas e problemas do pensamento pedagógico brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SANTOS, L. L. de C. P.; OLIVEIRA, N. H.. **O coordenador pedagógico no contexto de gestão democrática da escola.** s/d.

SAVIANI, D. O sentido da pedagogia e o papel do pedagogo. **Revista ANDE**, São Paulo, n. 9, 1985.

ZEICHNER, K. M.; DINIZ-PEREIRA, J. E. **Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social.** Cadernos de Pesquisa, vol. 35, n. 125, p. 63-80, maio/ago. 2005.